

Panorama da Literatura *da e na* Região das Guianas: desafios e perspectivas teóricas

Overview of Literature from and in the Guiana Region: Challenges and Theoretical Perspectives

Panorama de la littérature de et dans la région des Guyanes : défis et perspectives théoriques

Yurgel Pantoja Caldas^{1*} ; Natali Fabiana Costa e Silva¹ 

¹ Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Macapá, Amapá, Brasil.

* Autor correspondente: yurgelcaldas@gmail.com

Resumo

O objetivo deste artigo é mostrar um panorama da literatura na Região das Guianas considerando alguns pontos de contato e possíveis especificidades que ajudam no entendimento múltiplo de um lugar que é, ao mesmo tempo, fragmentado e único, multifacetado e resiliente. Ancorado na pesquisa bibliográfica (Gil, 2008), esse estudo apresenta a importância de conceitos como regionalismo (Candido, 1998), cor local (Jobim, 2020) e fronteira Anzaldúa (2016) para o estabelecimento de uma linha analítica a partir das diversas experiências de leitura que se pode ter do acervo ficcional e poético do Brasil (Amapá), do Suriname e da Guiana Francesa. Como resultado provisório, obtivemos a percepção de uma literatura tão rica e diversa, nos seus vários aspectos estéticos e expressivos, quanto desconhecida quando se trata de mercado editorial, circulação, divulgação e recepção crítica das obras literárias da Região das Guianas.

Palavras-chave: Região das Guianas; fronteira; poesia; narrativa.

Abstract

The objective of this article is to provide an overview of the literature in the Guianas Region, considering certain points of contact and possible specificities that contribute to a multifaceted understanding of a place that is simultaneously fragmented and unique, diverse and resilient. Anchored in bibliographic research (Gil, 2008), this study highlights the importance of concepts such as regionalism (Candido, 1998), local color (Jobim, 2020), and border Anzaldúa (2016) in establishing an analytical framework based on the various reading experiences available within the fictional and poetic corpus of Brazil (Amapá), Suriname, and French Guiana. As a preliminary result, we identified a literature that is as rich and diverse in its aesthetic and expressive aspects as it is unknown in terms of publishing market presence, circulation, dissemination, and critical reception of literary works from the Guianas Region.

Keywords: Guianas Region; border; poetry; narrative.

Recebido: 15 de março, 2025.

Aceito: 08 de agosto, 2025.

Publicado: 11 de outubro, 2025.

Résumé

Cet article vise à présenter un panorama de la littérature dans la région des Guyanes, en tenant compte de certains points de contact et de possibles spécificités qui contribuent à une compréhension plurielle d'un espace à la fois fragmenté et unique, multiforme et résilient. Ancré dans une recherche bibliographique (Gil, 2008), cette étude met en lumière l'importance de concepts tels que le régionalisme (Candido, 1998), la couleur locale (Jobim, 2020) et la frontière Anzaldúa (2016) pour établir une approche analytique fondée sur les diverses expériences de lecture du corpus fictionnel et poétique du Brésil (Amapá), du Suriname et de la Guyane française. Comme résultat provisoire, nous avons constaté l'existence d'une littérature aussi riche et variée dans ses aspects esthétiques et expressifs que méconnue en ce qui concerne le marché éditorial, la circulation, la diffusion et la réception critique des œuvres littéraires de la région des Guyanes.

Mots-clés : Région des Guyanes ; frontière ; poésie ; narration.

Introdução

Para a composição de um panorama da literatura na Região das Guianas, estamos considerando a literatura produzida no extremo norte do Brasil, mais especificamente no Amapá, na Guiana Francesa e no, reconhecendo que a República da Guiana e a Venezuela fazem parte dessa região, apesar de não serem aqui abordadas. Esses são os espaços a que temos nos dedicado nos últimos anos a fim de imprimir uma visão descritiva e analítica sobre o fenômeno literário que ali é produzido e circula.

A Região das Guianas possui “características únicas, incluindo rica biodiversidade, vasta gama cultural e demográfica, além de abundância de recursos naturais ainda pouco explorados” (Silva & Di Miceli, 2024, p. 21). Região da qual emerge “um território de grande valor e importância para a formulação de um novo modelo de civilização” (*Id. Ibid.*), as Guianas também possuem uma produção literária relevante, que merece um panorama como o que aqui propomos, e que pode servir também como uma forma de promoção desse espaço muitas vezes atrelado a uma perspectiva cobiçosa, o que percebemos desde os primeiros relatos sobre a região, tal como em *The Discovery of Guyana*, do naturalista inglês Walter Raleigh (1595).

Inaugurando uma longa tradição narrativa sobre as Guianas, a obra de Raleigh dá o tom colonialista de textos sobre a região os quais indicam diversas possibilidades de exploração do território, de suas riquezas naturais, econômicas e humanas. Entretanto, a reflexão sobre a região das Guianas à luz das ideias de Gloria Anzaldúa permite-nos explorar a complexidade das fronteiras não apenas como limites geográficos, mas como espaços simbólicos de resistência, mistura e criação.

O conceito de Fronteira: por uma geografia literária

Para Anzaldúa (2016, p. 25), a fronteira não é apenas uma divisão geográfica, mas também uma metáfora poderosa para explorar identidades híbridas, opressão e resistência. Essa definição é particularmente relevante para compreender a Região das Guianas, cujas especificidades sociais, históricas e culturais revelam tensões coloniais e neocoloniais que continuam a moldar as identidades e as produções literárias locais. Como observa Anzaldúa (2016, p. 30), as fronteiras não são apenas lugares de separação, mas também de encontro e criação. A fronteira é a linha em movimento, o espaço onde as culturas colidem e as identidades são transformadas.

A literatura das Guianas pode ser vista como um reflexo desse espaço liminar, onde vozes diversas narram histórias de resistência e resignificação. A multiplicidade linguística e cultural que caracteriza a região dialoga com o conceito de "*new mestiza consciousness*" - profundamente ligado à identidade híbrida e à experiência de viver entre culturas, especialmente no contexto de fronteiras físicas, culturais e linguísticas. Nesse contexto, Anzaldúa explora como indivíduos que habitam essas margens desenvolvem uma nova maneira de enxergar o mundo, transcendente e integradora.

Essa noção se torna particularmente frutífera ao analisarmos como os textos literários da região questionam as hierarquias neocoloniais e propõem novas formas de pertencimento. A fim de apresentar um panorama da literatura dessa região, partimos do pressuposto de que esses espaços

literários funcionam como “fronteiras simbólicas” onde a luta por representatividade e reparação histórica continua a ser travada.

A discussão sobre as fronteiras literárias das Guianas também encontra eco nas reflexões de pensadores caribenhos como Édouard Glissant (1997), que defende a ideia de Relação como essencial para compreender o Caribe e suas dinâmicas culturais. Segundo o pensador martinicano, a Relação não apenas substitui a identidade fixa e exclusiva, mas também subverte as narrativas hegemônicas que fragmentam os territórios e suas histórias.

Ainda segundo Glissant (1997), a identidade não é feita de exclusões ou rejeições, mas de contatos e trocas. Essa perspectiva nos permite pensar na literatura das Guianas como um espaço de onde narrativas diversas criam formas de ressignificar a experiência literária a fim de agenciar a permanência da colonialidade no tempo presente. As obras literárias dessa região, em seu híbrido linguístico e cultural, demonstram como a Relação não se limita a um contexto local, mas reverbera através de dimensões globais, oferecendo um modelo de leitura para outros espaços de contato neocolonial.

Outra perspectiva sobre a ideia de Fronteira, que pode revelar interesse aos estudos literários de obras *de*, *em* e *sobre* a Região das Guianas, é a que envolve as percepções sobre comarca. Novamente estamos diante de uma realidade relacional na qual a geografia da comarca, assim como a fronteira, só existe em função de outro espaço com definições similares. Ou seja, a existência de uma comarca depende do estatuto de outro espaço com uma entidade similar, onde um depende (e se relaciona de algum modo) do outro, sendo que cada qual possui suas especificidades.

Nesse caso, tão importante quanto definir a condição ontológica de um espaço seria considerar as formas como se configuram as relações entre dois ou mais espaços em disputa num determinado tempo e contexto, o que vale dizer das possibilidades de alterações do próprio espaço. Tal condição pode

valer para a Região das Guianas e seus produtos culturais que, como sabemos, são fragmentários, não lineares, inconstantes e múltiplos - aspectos que se aproximam ao conceito de identidade cultural na análise de Stuart Hall (2003).

Compreender como se relacionam dois ou mais espaços específicos, dentro de uma geografia regional e internacional como é a Região das Guianas, torna-se o desafio na empreitada analítica que estamos apontando aqui. Em seu sentido mais genérico, o conceito jurídico de comarca - no qual temos um "território [...] em que o juiz de direito exerce sua jurisdição" (Novo Código de Processo Civil, 2015) - nos leva a pensar numa mescla de elementos da Comarca Cultural (Rama, 1982), onde teríamos, no campo discursivo, o resultado de uma coletânea de poemas, narrativas, canções, fotografias e diversas expressões da oralidade.

Considerando sua condição teórico-crítica, a Comarca Cultural, para Rama, engloba um espaço específico mediado por afinidades linguísticas, culturais, literárias e identitárias mais do que propriamente delimitadas por fronteiras nacionais. Para Rama, nesse contexto, o conceito de Comarca acaba por instaurar uma nova cartografia latino-americana, pois, em razão das variadas formas de expressão das muitas experiências culturais, essa Comarca não considera como base as formulações político-administrativas das divisões coloniais em torno de unidades geográficas, mas o trânsito comum das línguas e da cultura que orientam a história e a memória cultural de determinados espaços.

Temos aí um movimento que permite uma espécie de reconfiguração da tradição, inclusive a literária, considerando as manifestações culturais (a tradição popular e a oral) como objeto de crítica nessa espécie de reescritura da história literária da América Latina, incluindo aí a da Região das Guianas.

Identidades culturais

Tomamos também como central em nossa discussão acerca da literatura nas Guianas o conceito de identidades culturais que, de diversas formas, estabelece novas perspectivas para o processo de produção literária e de sua posição como objeto crítico. Nesse aspecto, Stuart Hall (2003, p. 57) explora a questão das identidades culturais como posicionais e não fixas. Para ele, “as identidades culturais são o resultado de um processo contínuo de produção e reprodução”. No caso específico das Guianas, esse pensamento ajuda a compreender como a produção literária da região está constantemente sendo reconstruída em resposta às influências externas e às experiências locais. Essa reconstrução não se refere apenas a questões materiais ou econômicas, mas também às dinâmicas de resistência cultural e adaptação criativa.

As identidades culturais posicionais permitem que grupos colonizados reivindiquem e ressignifiquem seus passados em relação ao presente, um fenômeno evidente na literatura das Guianas. Ao narrar histórias de violência, colonização e sobrevivência, esses textos funcionam como espaços de negociação identitária, que rejeitam a fixação de rótulos e promovem a pluralidade como base para a compreensão do ser na fronteira. Assim, a obra literária regional transcende os limites locais e se coloca como uma arena de transformação cultural e estética.

No diálogo entre Gloria Anzaldúa (2016), Édouard Glissant (1997) e Stuart Hall (2003), emerge uma compreensão multifacetada da literatura das Guianas como um fenômeno que desafia categorizações estanques. Anzaldúa nos oferece o conceito de fronteira como um espaço de ferida e potência criativa; Glissant enriquece a discussão com sua poética da Relação, enfatizando a interconexão e a troca; enquanto Hall nos convida a pensar nas identidades culturais como dinâmicas e posicionais. Juntas, essas perspectivas apontam para a literatura das Guianas como uma expressão de resistência e invenção, onde o local dialoga com o global, e onde as fronteiras não apenas

delimitam espaços, mas abrem caminhos para novas configurações identitárias e estéticas. Nesse sentido, a literatura das Guianas se posiciona como um espaço de encontro e transformação, em que a diversidade cultural e a experiência histórica tornam-se forças criativas capazes de desafiar narrativas hegemônicas e propor alternativas múltiplas e resilientes para o tempo presente.

Marcadas por uma notável pluralidade, as obras literárias produzidas no Amapá, na Guiana Francesa e no Suriname compartilham um tema recorrente: a reflexão crítica sobre o passado colonial. Essa abordagem abrange, sobretudo, as memórias das plantações, o tráfico de pessoas escravizadas e a travessia do oceano Atlântico, conectando os continentes africano e americano. Nesse contexto, o conceito de fronteira interpretado à luz de Anzaldúa (2016) posiciona as Guianas como um espaço simbólico de resistência e criação, no qual processos culturais, sociais e históricos se entrelaçam e se reconfiguram.

Suriname

O Suriname é um país multicultural, multiétnico (indianos, javaneses, indígenas, bushnengés, chineses, brasileiros) (Silva, 2021) e multilinguístico (coexistem mais de 20 línguas) cuja independência se deu, em relação à grande maioria de seus pares da América do Sul, de forma tardia (1975), em função de condições específicas que levaram à “desaceleração acentuada do crescimento econômico no início dos anos 1970, impulsionando o Parlamento holandês a encaminhar o processo de ruptura” (Cavlak, 2021).

Nesse contexto, em Silva Di Miceli e Silva (2019), podemos encontrar uma boa síntese para a região das Guianas onde se encontra o Suriname, considerando que a “diversidade étnica e cultural nas Guianas é produto de uma agitada história pela qual cada país passou e ainda passa”. Se, por um lado, esse processo de transformação em progresso é comum a espaços que,

em geral, se encontram no seio de uma sociedade capitalista; por outro lado, tal processo precisa ser entendido pela lente das especificidades de cada espaço, no caso, o Suriname tendo em vista a relação com seus vizinhos e com a Europa, por exemplo.

Como destaque da história literária do Suriname, a escritora Cynthia McLeod desempenha um papel crucial ao revisitar o passado colonial do país por meio da reescrita da História. Obras como *Hoe duur was de suiker* (1987), traduzido para o inglês como *The Cost of Sugar* (2007); *Vrije negerin Elisabeth: gevangene van kleur* (2000), traduzido em 2004 como *The Free Negress Elisabeth: Prisoner of Color*; e *Tutuba: het meisje van het slavenchip Leusden* (2013) - que teve sua versão em inglês lançada como *Tutuba: the girl from the slaveship Leusden* - inscrevem o Suriname como um espaço de resistência e asseguram à autora seu lugar como uma das vozes mais significativas da literatura.

A obra *The Cost of Sugar* (2007) constitui um marco na literatura do Suriname ao abordar criticamente o passado colonial do país sob a perspectiva da escravidão e da exploração econômica. Ambientado no século XVIII, o romance retrata a vida nas plantações de açúcar, evidenciando a brutalidade do regime escravocrata e suas implicações sociais e políticas. Como aponta Hoefte (2014), a obra de McLeod insere-se em um movimento mais amplo de revisitação histórica por meio da literatura, no qual a narrativa ficcional se torna um instrumento de denúncia e reflexão sobre as heranças coloniais que ainda moldam a sociedade surinamesa. O livro, portanto, desempenha um papel crucial ao dar visibilidade a uma história frequentemente marginalizada nos discursos eurocêntricos sobre o passado colonial das Américas.

Além da denúncia da violência sistêmica, o romance destaca as complexas relações de poder que caracterizavam a sociedade surinamesa colonial. Através das experiências de suas personagens, McLeod expõe as dinâmicas de dominação racial e de gênero, mostrando como mulheres escravizadas e crioulas livres ocupavam posições precárias e ambíguas na

hierarquia social da época. Como observa Wekker (2016), essa interseccionalidade de opressões reflete-se na estrutura narrativa da obra, que questiona não apenas a exploração dos corpos negros, mas também as alianças e contradições dentro do sistema colonial. Dessa forma, a obra contribui para um debate mais amplo sobre os impactos persistentes do colonialismo e do tráfico de escravizados na formação identitária do Suriname contemporâneo.

O impacto de *The Cost of Sugar* transcende o âmbito literário, pois se insere em um contexto de crescente interesse por narrativas pós-coloniais que desafiam a hegemonia do cânone histórico europeu. Como argumenta Helman (2007), a literatura de McLeod desempenha um papel essencial na construção de uma memória coletiva que ressignifica o passado escravocrata do Suriname, ao mesmo tempo em que promove uma reflexão crítica sobre os processos de marginalização que ainda afetam a população afrodescendente do país. A tradução da obra para o inglês em 2007 ampliou seu alcance internacional, permitindo que um público mais amplo tivesse acesso a essa perspectiva histórica única. No entanto, como destacado por Monteiro (2018), a barreira linguística ainda representa um desafio significativo para a difusão da literatura surinamesa, que permanece relativamente desconhecida fora dos círculos acadêmicos e especializados.

Guiana Francesa

A Guiana Francesa tem uma história profundamente marcada pelo tráfico de escravizados, que foi central para o desenvolvimento econômico da colônia entre os séculos XVII e XIX. Durante esse período, milhares de africanos foram trazidos à força para trabalhar nas plantações, principalmente de cana-de-açúcar, cacau e café. O regime escravocrata, apesar de encontrar resistência na forma de fugas e formação de quilombos, permaneceu vigente até 1848, quando a França decretou a abolição da escravidão em todas as suas colônias (Mam Lam Fouck, 1999). No entanto, a abolição não significou uma

transformação imediata nas condições de vida da população negra, que continuou marginalizada e sujeita a formas de exploração econômica. Além disso, a Guiana Francesa foi usada como local de deportação penal, recebendo milhares de prisioneiros enviados da França metropolitana, o que reforçou sua posição como território periférico dentro do império colonial francês.

No século XX, a Guiana passou por um processo de integração política mais estreita com a França, culminando na sua departamentalização em 1946. Esse novo status conferiu ao território os mesmos direitos políticos e administrativos dos departamentos da França continental, garantindo aos guianenses a cidadania francesa e a participação no sistema político nacional (Mam Lam Fouck, 2002). Contudo, a departamentalização não eliminou as desigualdades estruturais entre a Guiana e a antiga metrópole, uma vez que o território permaneceu dependente economicamente de subsídios franceses e enfrentou dificuldades no desenvolvimento de uma economia autônoma. O impacto desse processo é perceptível na atualidade, especialmente nas tensões sociais geradas pela alta taxa de desemprego e pelo custo de vida elevado, que alimentam demandas por maior autonomia e até mesmo por independência em certos setores da sociedade guianense.

A identidade da Guiana Francesa continua a ser um tema complexo e ambivalente, oscilando entre a permanência na República Francesa e o desejo de reconhecimento de sua especificidade cultural e histórica. Enquanto parte da população valoriza os benefícios da cidadania francesa, como o acesso a serviços públicos e à mobilidade dentro da União Europeia, há também um sentimento de alienação em relação à França hexagonal, que frequentemente trata o território como uma periferia distante e pouco prioritária. Movimentos culturais e políticos locais reivindicam um maior reconhecimento da diversidade étnica e da herança afrodescendente e ameríndia da Guiana Francesa, questionando a imposição de um modelo identitário eurocentrado. Esse dilema identitário reflete-se em debates recorrentes sobre o estatuto

político do território e as possibilidades de maior autonomia em relação à antiga metrópole.

A literatura da Guiana Francesa, apesar de sua posição periférica no contexto literário francófono, emerge como um campo rico de produções culturais que dialogam com essas questões históricas e geopolíticas que moldaram a região. Um dos aspectos centrais da literatura da Guiana Francesa é a denúncia da história da escravidão e do colonialismo, que são explorados por escritores como Serge Patient e André Paradis. Esses autores, entre outros, produzem narrativas que buscam resgatar memórias coletivas e reinterpretar o passado, ao mesmo tempo que interrogam as estruturas de poder e os legados da dominação colonial.

Serge Patient, por exemplo, em seu romance *Le nègre du gouverneur* (2001), aborda a complexidade das relações coloniais por meio da história de D'Chimbo, um escravizado que se torna confidente do governador da Guiana Francesa no período colonial. A narrativa expõe as ambiguidades dessas relações, destacando como a sobrevivência e a resistência eram mediadas por dinâmicas de poder profundamente desiguais.

Essas ambiguidades se manifestam no próprio percurso de D'Chimbo que, apesar de sua posição privilegiada em relação a outros escravizados, permanece prisioneiro de um sistema que o reduz à condição de propriedade. O romance evidencia como a proximidade com o poder colonial não significava necessariamente emancipação, mas sim uma forma distinta de subjugação, marcada por concessões e limitações. A figura do protagonista, nesse sentido, representa um dilema central das sociedades coloniais: a tensão entre cooperação e resistência, entre a busca por melhores condições individuais e a impossibilidade de escapar completamente das estruturas opressivas que sustentavam a dominação.

Le nègre du gouverneur (2001) questiona as versões oficiais da história, trazendo à tona experiências e subjetividades frequentemente silenciadas. O romance não apenas recupera um episódio da história colonial da Guiana Francesa, mas também propõe uma reflexão mais ampla sobre os mecanismos de poder, identidade e resistência que moldaram – e ainda moldam – as sociedades pós-coloniais.

Outro exemplo notável é o romance *Les hommes libres* (2005), de André Paradis, que também se dedica a explorar as complexas relações de poder e resistência no contexto colonial. A narrativa acompanha a trajetória de personagens que, apesar das imposições de um sistema profundamente desigual, buscam afirmar sua humanidade e agência em meio às adversidades. O romance questiona as categorias rígidas impostas pela ordem colonial, mostrando como os indivíduos navegavam entre submissão e desafio, muitas vezes reinventando estratégias de sobrevivência. Assim como em *Le nègre du gouverneur* (2001), Paradis constrói uma história que revela os dilemas enfrentados por aqueles que viviam sob regras estabelecidas por autoridades externas, mas que ainda assim encontravam formas de se posicionar e agir dentro desse contexto.

Além de revisitar o passado, *Des hommes libres* (2005) amplia a discussão sobre as consequências desse período na construção das identidades contemporâneas. O autor propõe uma reflexão sobre as heranças da colonização, destacando como memórias individuais e coletivas são transmitidas ao longo do tempo e continuam a influenciar as sociedades atuais. A narrativa, ao dar voz a personagens que desafiam os limites impostos a eles, se insere em uma tradição literária que busca não apenas recordar o passado, mas também questionar as estruturas que ainda perpetuam desigualdades. Dessa forma, Paradis contribui para a reinterpretação da história, oferecendo uma visão mais complexa e humanizada das experiências daqueles que viveram nesse período.

Outro aspecto relevante em *Des hommes libres* (2005) é a forma como André Paradis articula a relação entre espaço e identidade. A ambientação do romance evidencia como o território colonial não era apenas um cenário passivo da dominação, mas um espaço dinâmico onde diferentes grupos sociais negociavam sua existência. As paisagens descritas refletem tanto a opressão imposta pelo sistema colonial quanto os caminhos de resistência traçados pelos personagens. A geografia do romance, portanto, desempenha um papel fundamental na construção das trajetórias individuais, revelando como o ambiente influencia as dinâmicas de poder e as possibilidades de emancipação.

A história da Guiana Francesa é profundamente entrelaçada com a experiência colonial francesa, e sua literatura reflete essas dinâmicas de maneira singular. Enquanto território ultramarino, ela é influenciada por políticas culturais francesas que frequentemente marginalizam expressões locais em favor de uma identidade mais ampla, ligada a um imaginário nacional republicano que apaga as clivagens históricas e culturais dos Departamentos. Essa tensão entre o local e o global é um tema recorrente na produção guianense, na qual escritores desejam afirmar suas identidades culturais e linguísticas enquanto enfrentam os desafios impostos pelo neocolonialismo e pelas políticas culturais centralizadoras da França.

O Amapá

Para pensar sobre as manifestações literárias elaboradas no Brasil oitocentista, Ferdinand Denis reivindica, mais do que a presença, a necessidade de a produção intelectual das Américas apontar para o efeito da natureza inspiradora nos produtos locais derivados da percepção sobre essa natureza. Assim, ao mesmo tempo, a natureza é motivo e objeto do fazer literário e, conseqüentemente, deve sê-lo em relação à leitura, à interpretação e à crítica a partir do objeto literário, provocado pela própria natureza.

E assim se configura uma *propriedade* encalacrada em si mesma que só pode ser revelada pela cor local produzida pela percepção do espaço natural, provocando uma espécie de ilusão essencial daquilo que é único, singular e “próprio de”, e que identificaria o sujeito ao espaço ocupado e, mais que isso, tomado para si como sua “propriedade” e que, ao mesmo tempo, torna esse espaço diferente de todos os demais. Assim, como efeito da cor local, desse espaço singular e suas redes relacionais com outros elementos literários, por exemplo, mas não somente literários, não fariam parte as referências alheias (outras, externas, estrangeiras, estranhas, diferentes).

Antonio Candido e Angel Rama – como aponta Jobim (2020) – fazem parte de certa tradição crítica latino-americana que, por assim dizer, “fura a bolha” inflada por Ferdinand Denis. Seja pelo viés marxista ou sociológico como formas de ler o fenômeno literário, gerando aí diversas relações de dependência entre os centros e as periferias envolvidas no processo da emergência literária e estética (Candido), seja pelo conceito de comarca cultural, que fragmenta o mapa político latino-americano e indica novas formas de abordagem da criação literária, seus processos de circulação e recepção (Rama), a centralidade da cor local, tal como defendida por Denis, é questionada.

Nesse contexto, o próprio conceito de Transculturação (Fernando Ortiz) já negava a noção de aculturação extraída da premissa da existência de uma cultura hegemônica (superior, mais influente, melhor, mais sofisticada, justa e perfeita) – a única saída, portanto, para o limbo intelectual e cultural de que padeciam sociedades, comunidades, grupos e pessoas tornadas subalternas, primeiramente pelo discurso e em seguida pelo ordenamento político. Trata-se de uma lógica, como sabemos, que se consolida pelo distanciamento e pela discrepância, mas também pela definição de quem possui o poder (discursivo, político, militar, econômico) sobre aqueles que estariam dependentes de uma

âncora mais firme para livrar os subalternizados da “deriva” não apenas intelectual, mas também social.

A fim de elaborar alguma reflexão sobre a literatura produzida no Amapá (e aqui não estamos tratando da questão de nomenclatura, que ainda requebra a polêmica da vinculação a uma ideia de Literatura Amapaense - como disciplina - ou de uma literatura brasileira feita no Amapá) dentro de um conceito mais amplo de Regionalismo – termo utilizado por Antonio Candido, em seu ensaio “Literatura e Subdesenvolvimento” (Moreno, 1972, p. 358), como uma definição “que abrange toda a ficção vinculada à descrição regional e dos costumes rurais desde o Romantismo” (*Idem*, p. 358). Para Candido, a produção literária da América Latina e do Brasil passa por fases que acompanham a dinâmica da sociedade. Assim, a produção literária da América Latina (como espaço historicamente construído pelas referências europeias, inclusive culturais, dentro do processo colonial) aos poucos vai se desvinculando do seu centro metropolitano (Europa) e assume um caráter autônomo e verdadeiramente criativo.

Mas, ainda assim, a cor local importa e define uma percepção sobre o que é feito de literatura no Amapá. Mas se a cor local ainda é um conceito que importa nessa métrica (Marino, 2022), ela representa sempre o perigo de vinculação exclusiva de uma produção que só pode ser aceita como parte do acervo literário *de e sobre* o Amapá se expressar os valores telúricos da formação de política de um lugar. Assim, já estamos falando de uma identidade criada pela literatura local que valoriza a sua natureza e “o jeito de ser do povo daqui” - para citar um verso da canção “Jeito Tucuju”, de Joãozinho Gomes e Val Milhomem.

O Regionalismo constitui, portanto, a partir de Antonio Candido, uma etapa necessária na evolução das formas literárias presentes na América Latina, sobretudo as ligadas à narrativa (romance e conto). E se a “realidade econômica do subdesenvolvimento mantém a dimensão regional como objeto

vivo, a despeito da dimensão urbana ser cada vez mais atuante” (p. 359), um espaço (lugar) subdesenvolvido ainda não se desprende da fase anterior de sua produção literária, ligada sempre à expressão da realidade local.

No primeiro capítulo de *Literatura das Pedras: a Fortaleza de São José de Macapá como locus das identidades amapaenses*, Fernando Canto (2016) confere-lhe um interessante e intrigante título, chamando o referido capítulo de “O Zeitgeist amapaense”. Como sabemos, o Zeitgeist forjado pelo Romantismo alemão incorpora o famigerado “Espírito do Tempo”, ou seja, “traduzido” para o contexto local, pode configurar “o conjunto do clima intelectual e cultural do mundo, numa certa época” (CANTO, 2016, p. 45), no caso, o contexto da emergência da literatura amapaense, a partir da segunda metade da década de 1940, sobretudo, pautada na “Mística do Amapá”.

No esforço de criar uma unidade de pensamento e ação que visasse à consolidação da “mística do Amapá”, o governo de Janary Nunes, a quem Fernando Canto (2016) chama de caudilho e autoritário, acaba por provocar embates e resistências em torno desse ideal. Exemplo disso é a política de urbanização da cidade de Macapá, que elege algumas áreas como privilegiadas em detrimento de outras. É o que ocorre com o fato que culmina na expulsão de comunidades negras da “frente da cidade” – áreas privilegiadas porque banhadas pelo rio Amazonas – e deslocadas para zonas periféricas de Macapá, como os bairros do Laguinho (atual Julião Ramos) e da Favela (atual Santa Rita).

A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tais como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias como por exemplo a anamnese de abusos sexuais na infância ou a memória do Holocausto (Candau, 2014, p. 18).

Como primeiro governador desse espaço que agora já não é mais Pará (republicano), tampouco Grão-Pará (colonial), o Território Federal do Amapá requer uma narrativa que dê conta de seu “descolamento” em diversos níveis,

indicando a vontade de autonomia e independência. Assim, temos esse novo espaço como signo da modernidade (tardia, em relação a outros espaços no Brasil), mas com uma referência romântica, do ponto de vista da necessidade de se ter um herói (o Caboclo amapaense - síntese da miscigenação resistente às intempéries, mais poderoso que o sertanejo, caçara e o pampeano, no dizer do próprio Janary) e um acervo que se misturaria à ideia de Antonio Candido (2000, p. 24) sobre a “tradição”, sem a qual “não há literatura como fenômeno de civilização”.

Considerações finais

A literatura das Guianas, como aqui discutida, apresenta-se como um campo rico e complexo de investigação, cujas produções desafiam categorizações convencionais e ampliam o entendimento sobre os fluxos culturais na América Latina e no Caribe. Ao considerar a produção literária do Amapá, da Guiana Francesa, do Suriname e da República da Guiana, compreendemos que as fronteiras geográficas são ressignificadas por meio da palavra escrita, evidenciando os atravessamentos históricos, linguísticos e identitários que constituem essa região.

A discussão sobre fronteiras, fundamentada nas reflexões de Gloria Anzaldúa (2016), Édouard Glissant (1997) e Stuart Hall (2003), revela que a literatura das Guianas é caracterizada por dinâmicas de resistência e recriação identitária. A fronteira, nesse contexto, deixa de ser apenas um limite geográfico e torna-se um espaço simbólico de tensão e produção cultural, no qual histórias de deslocamentos, violência colonial e sobrevivência são narradas e reinterpretadas. O conceito de "new mestiza consciousness", proposto por Anzaldúa, ressoa nessa literatura, uma vez que seus autores frequentemente transitam entre múltiplas tradições culturais e linguísticas, desafiando hierarquias estabelecidas e promovendo novas formas de pertencimento.

Ao longo deste estudo, percebemos que a produção literária da região das Guianas não apenas revisita e denuncia o passado colonial, mas também propõe novas possibilidades de compreensão da história e da identidade regional. A partir da perspectiva de Glissant (1997), entendemos que a Relação é um conceito-chave para analisar a literatura das Guianas, pois essa produção literária se desenvolve em um constante diálogo com diferentes heranças culturais, ressignificando-as e propondo novas configurações estéticas e políticas.

Ao mesmo tempo em que resiste à colonialidade, essa produção propõe novas formas de cartografar o território, distanciando-se dos paradigmas eurocêntricos e assumindo uma perspectiva que privilegia as experiências locais e suas manifestações culturais. Esse processo se reflete na ideia de comarca cultural proposta por Ángel Rama (1982), que sugere uma organização da produção literária não baseada em fronteiras político-administrativas, mas sim em afinidades históricas e culturais compartilhadas.

O estudo da literatura das Guianas contribui não apenas para ampliar o conhecimento sobre a produção literária da região, mas também para questionar modelos fixos de identidade e nação. Através da análise dessas narrativas, torna-se possível compreender os impactos duradouros da colonialidade e, ao mesmo tempo, reconhecer a potência criativa dos escritores da região, que continuam a transformar o espaço literário em um campo de resistência, diálogo e reinvenção.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La Frontera: The New Mestiza**. 4. ed. San Francisco: Aunt Lute Books, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GLISSANT, Édouard. **Poética da relação**. Tradução de Celia Britton. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1997.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte:

UFMG, 2003.

HELMAN, Albert. **De sluipmoordenaar van de literatuur**. Paramaribo: Editions Suriname, 2007.

HOEFTE, Rosemarijn. **Suriname in the Long Twentieth Century: Domination, Contestation, Globalization**. New York: Palgrave Macmillan, 2014.

JOBIM, José Luís. **Literatura Comparada e Literatura Brasileira: circulações e representações**. Boa Vista: UFRR; Rio de Janeiro: Edições Makunaima, 2020.

MAM LAM FOUCK, Serge. **Histoire Générale de la Guyane Française**. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2002.

MARINO, Francesco. **A literatura do Amapá**. 2022. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2022.

MARINO, Francesco. **La Guyane française - au temps de l'esclavage, de l'or et de la francisation, 1802-1946**. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 1999.

MCLEOD, Cynthia. **The free negress Elisabeth: prisoner of color**. Paramaribo: The Waterfront Press, 2004.

MCLEOD, Cynthia. **The cost of sugar**. Paramaribo: The Waterfront Press, 2007.

MCLEOD, Cynthia. **Tutuba: the girl from the slave-ship Leusden**. Paramaribo: Uitgeverij Conserve, 2013.

MONTEIRO, Júlio César Neves. Suriname: história, literatura e questões de tradução. **Revista da Anpoll**, v. 1, n. 45, p. 1-15, 2018.

MORENO, César Fernández (Coord.). **América Latina em sua literatura**. Tradução de Luiz João Galvo. São Paulo: Perspectiva, 1972.

PARADIS, André. **Des hommes libres**. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2005.

PATIENT, Serge. **Le nègre du gouverneur**. Matoury: Ibis Rouge Éditions, 2001.

RALEIGH, Walter. **The discoverie of the large, rich, and beautiful Empyre of Guiana**. London: World Publishing Company, 1596. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/4979>. Acesso em: 20 dez. 2024.

SILVA, Gutemberg de Vilhena; DI MICELI, Clícia Vieira. **Região das Guianas: território, história e cultura**. Porto Alegre: Letra1, 2024.

WEKKER, Gloria. **White Innocence: Paradoxes of Colonialism and Race**. Durham: Duke University Press, 2016.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Instituto de Estudos Socioambientais. Programa de Pós-graduação em Geografia. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

Contribuição dos autores

Todos os autores ofereceram substanciais contribuições científicas e intelectuais ao estudo. As tarefas de concepção e design do estudo, preparação e redação do manuscrito, bem como, revisão crítica foram desenvolvidas em grupo. O primeiro autor Yurgel Pantoja Caldas ficou especialmente responsável pelo desenvolvimento teórico-conceitual e as discussões sobre o Suriname e o Amapá. A segunda autora Natali Fabiana da Costa e Silva, pelo desenvolvimento teórico-conceitual e as discussões sobre o Suriname e a Guiana Francesa. Declaramos ainda ciência das Diretrizes Gerais do BGG.

Yurgel Pantoja Caldas. Formado em Letras pela UFPA (1997), mestrado em Teoria Literária pela UFMG (2001); doutorado também na UFMG (2007) com pesquisa sobre o poema épico Muhuraida, de Henrique João Wilkens. Pós-doutorado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Professor do Curso de Letras da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e do Programa de Pós-graduação em Letras (PPGLET) da UNIFAP e, entre 2023 e 2025, foi coordenador desse Programa de Pós-graduação.

Natali Fabiana Costa e Silva. Doutora em Estudos Literários, é professora da área de Teoria Literária e docente credenciada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Integra o Grupo de Pesquisas sobre Literaturas do Caribe e das Guianas e é vice-líder do GRIOT – Grupo de Pesquisa em Literaturas Pós-coloniais. Participa do Grupo de Trabalho “A mulher na literatura: crítica feminista e estudos de gênero”, da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPLL). Desenvolve estudos na área de literatura de autoria feminina a partir da perspectiva decolonial, com ênfase nas produções literárias da Guiana Francesa e do Suriname.